

Para além dos dias: um mundo melhor ainda é possível!

Desde o ano de 2000 quando conheci Vagner de Almeida, uma doce amizade teve início de um processo que se transformaria em respeito e admiração. Respeito pelo teor ético pelo qual conduz o seu trabalho e admiração diante de sua insistência em focar questões tão polêmicas como a expressão das homossexualidades e suas interfaces com as violências estruturais, políticas, culturais, sexuais e de gêneros.

Em seus filmes/documentários entramos em contato com o mundo real, sem máscaras ou maquiagens que possam suavizar a realidade, mostrando-nos as condições em que muitas pessoas por exercitar o seu direito fundamental de singularização, são remetidas à margem da existência e impossibilitadas de ter direitos a ter direitos.

Mais especificamente nos dois filmes/documentários: *“Borboletas da Vida”* e *“Basta um dia”*, Vagner de Almeida nos coloca de frente com temáticas complexas que o tempo todo mudam de planos: o “direito de ser” e o *“direito de viver”*.

Em *“Borboletas da Vida”* nos deparamos com cenas/discursos de potência da vida, de implicação com o desejo de afirmação de uma existência que aspira por felicidade e emancipação: psicossocial, política, cultural, sexual e de gêneros. Cenas/discursos que nos comovem e ao mesmo tempo nos incentivam a apostar em um mundo em que os binarismos e os universais já não tenham tanta importância e a diversidade sexual e de gêneros possam se expressar sem censuras ou julgamentos. Em *“Borboletas da Vida”* ainda consigo ver alegria de viver, de sonhar, de projetar expectativas em um futuro melhor, de poder fazer planos em que o final da história ainda pode ser esperado como sendo feliz. Neste sentido, *“Borboletas da Vida”* se mostrou como um clamor pelo direito de “ser”, mas um direito de ser cidadão, participante das tomadas de decisões da sociedade, incluído nas políticas públicas de reconhecimento e valorização de sua cidadania.

Em *“Basta um Dia”* nos deparamos com cenas/discursos produzidas por uma experiência recente na vida das pessoas, da experiência de uma chacina (dês) humana.

Meu contato com esse filme/documentário e suas cenas/discursos disparou uma indignação imensa que chegou quase a ser paralisante, pois nos colocou em contato com uma realidade pouco mostrada pela imprensa (*perversa*) que insiste em reificar os processos de estigmatização, exclusão, violência e morte como sendo naturalizados.

Faz-se necessário e urgente um posicionamento frente às barbáries que são praticadas sobre as pessoas que de certa forma ousam afirmar seus lugares no mundo como “outsiders”, como estrangeiros, como diferentes dos modelos previamente impostos como normatizados; creio que esses filmes/documentários realizados, dirigidos e roterizados por Vagner de Almeida e produzidos pela ABIA – Associação Brasileira Intercisplinar de AIDS, possam ser tomados como importantes ferramentas de desconstrução dos processos de estigmatização e contribuir para a efetivação do exercício de cidadania das pessoas que constroem suas vidas como estilísticas da existência.

WILIAM S. PERES

Professor Depto Psicologia Clínica - UNESP/Assis

Doutor em Saúde Coletiva - IMS/UERJ

Vice-Lider do GEPS - Grupos de Estudos e Pesquisas em Sexualidade/CNPq.